

O MÉTODO CARTOGRÁFICO EM JESÚS MARTÍN-BARBERO: INSPIRAÇÕES TEÓRICAS E DIÁLOGO COM A ANTROPOLOGIA

THE CARTOGRAPHIC METHOD IN JESÚS MARTÍN-BARBERO:
THEORETICAL INSPIRATIONS AND DIALOGUE WITH ANTHROPOLOGY

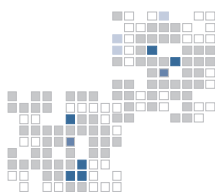
EL MÉTODO CARTOGRÁFICO EN JESÚS MARTÍN-BARBERO: INSPIRA-
CIONES TEÓRICAS Y DIÁLOGO CON LA ANTROPOLOGÍA

Andreza Patricia Almeida Gonçalves

■ Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Mestra em Ciências Sociais e graduada em Comunicação Social (Jornalismo), ambos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tem experiência nas áreas de Comunicação e Antropologia.

■ *Doctora en Ciencias de la Comunicación por la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo (ECA/USP). Magíster en Ciencias Sociales y licenciada en Comunicación Social (Periodismo), ambos títulos otorgados por la Universidad Federal Rural de Rio de Janeiro. Posee experiencia en las áreas de Comunicación y Antropología.*

■ E-mail: almeidagoncalves.andreza@gmail.com



RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o método cartográfico em Jesús Martín-Barbero. A partir de levantamento bibliográfico e do garimpo de elementos na obra do autor, fomentamos uma discussão epistemológica em três eixos de análise: 1) a cartografia como método e suas bases teóricas; 2) o “calafrio epistemológico” barberiano e o diálogo com a Antropologia; 3) a relação entre televisão, espaço doméstico e transformações sociais. A soma de tais reflexões evidenciam convergências teórico-metodológicas frutíferas e ressaltam a relevância dos debates transdisciplinares na pesquisa em Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: MÉTODO CARTOGRÁFICO; MARTÍN-BARBERO; COMUNICAÇÃO; ANTROPOLOGIA.

ABSTRACT

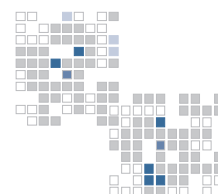
This article proposes a reflection on the cartographic method in Jesús Martín-Barbero's work. Based on a literature review and the identification of key elements from the author's writings, we foster an epistemological discussion structured around three analytical axes: 1) cartography as method and its theoretical foundations; 2) Martín-Barbero's “epistemological shiver” and its dialogue with Anthropology; 3) the relationship between television, domestic space, and social transformations. The articulation of these reflections highlights fruitful theoretical-methodological convergences and underscores the relevance of transdisciplinary debates in Communication research.

KEY WORDS: CARTOGRAPHIC METHOD; MARTÍN-BARBERO; COMMUNICATION; ANTHROPOLOGY.

RESUMEN

Este artículo propone una reflexión sobre el método cartográfico en la obra de Jesús Martín-Barbero. A partir de una revisión bibliográfica y de la identificación de elementos clave en los escritos del autor, fomentamos una discusión epistemológica estructurada en tres ejes de análisis: 1) la cartografía como método y sus fundamentos teóricos; 2) el “escalofrío epistemológico” barberiano y su diálogo con la Antropología; 3) la relación entre televisión, espacio doméstico y transformaciones sociales. La articulación de estas reflexiones pone de manifiesto fructíferas convergencias teórico-metodológicas y resalta la relevancia de los debates transdisciplinarios en la investigación en Comunicación.

PALABRAS CLAVE: MÉTODO CARTOGRÁFICO; MARTÍN-BARBERO; COMUNICACIÓN; ANTROPOLOGÍA.



1. Introdução

Todo mapa é, em princípio, um desafio para aqueles que buscam compreendê-lo à luz de suas complexidades, relevos e informações. A depender do olhar lançado, pode tanto ser tomado como filtro e censura, por seus limites, fronteiras e deformidades, ou um chamado ao descobrimento de novos arranjos e possibilidades – diante o reconhecimento da porosidade de suas fronteiras, que se cruzam e entrelaçam. Essa segunda opção, aposta de Martín-Barbero (2004) em suas travessias pela Comunicação na América Latina, permitiu ao autor desenvolver uma teoria comunicacional própria (Lopes, 2018), tecida a partir da construção de caminhos abertos e não prescritivos.

A cartografia é, na epistemologia barberiana, uma ferramenta utilizada de forma difusa e intersticial (Lopes, 2018). Em suas diversas tentativas de mapear as práticas culturais e comunicacionais na América Latina, Martín-Barbero jogou luz sobre o papel das periferias em um novo mapa global, antevendo uma gramática capaz de revelar vozes emergentes e os diferentes usos das classes populares dos produtos midiáticos. Lopes (2018) identifica nesse movimento uma aproximação entre a figura do cartógrafo e a do *flâneur*, personagem urbano trabalhado por Benjamin, que percorre a cidade sem rumo, apreciando o caminho. Como o *flâneur*, o cartógrafo desenvolve a capacidade de estranhar o que antes lhe era familiar. Esse caminhar fora do compasso permite contemplar uma cidade em transfiguração.

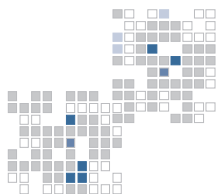
A cartografia barberiana aproxima-se ainda da noção de artesanato intelectual, proposta por Wright Mills (1969), baseada na relação entre o olhar do pesquisador para o campo, o campo para o pesquisador, e as possibilidades advindas da exploração. Em Mills, a compreensão da dialética entre biografia individual e contexto histórico é um convite à aventura intelectual, também

expressa na descrição da trajetória pessoal, na construção do objeto e no desenvolvimento de um conhecimento construído no cotidiano — fruto de “pensamentos marginais”, matutações, práticas e ideias comuns, fragmentos de conversas entreouvadas na rua e até sonhos. Seja na figura do *flâneur* ou do artesão intelectual, a cartografia barberiana carrega uma proposta muito próxima à etnografia — este método não prescritivo, que demanda do pesquisador um trabalho quase artesanal, construído passo a passo, de acordo com as necessidades que surgem no desenrolar da pesquisa.

Cientes da relevância da obra de Martín-Barbero para os estudos em Comunicação, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o método cartográfico barberiano, suas inspirações teóricas e diálogos possíveis, de modo especial com a Antropologia, essa ciência em constante reinvenção (Wagner, 2010). Com base em uma discussão baseada no levantamento bibliográfico, estruturamos o artigo em três eixos de análise: 1) a noção de cartografia como método aberto, dialógico e não prescritivo; 2) o calafrio epistemológico barberiano e seu diálogo com a Antropologia; 3) a discussão sobre a televisão e o espaço doméstico, suas reconfigurações no atual cenário digital e proximidades com estudos antropológicos. Buscamos fomentar o debate teórico-epistemológico no campo da Comunicação sob a égide da transdisciplinaridade e do diálogo entre saberes – convite feito pelo autor que nos inspira.

2. A cartografia barberiana: inspirações teóricas

Em *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, Martín-Barbero (2004) narra sua jornada pelo campo da Comunicação. Nesse percurso, encarnando a figura do cartógrafo, o autor depara-se com a descoberta da **cartografia cognitiva**, estratégia



teórico-metodológica baseada não na tradicional cartografia representacional das fronteiras, mas na figura do arquipélago, cuja ausência de fronteiras permite interconectar o diverso.

Mais do que uma referência simbólica ou literária, Lopes (2018) vê no arquipélago um novo tipo de *logos*, constituído por diferentes saberes e entrelaçamentos. Chama-nos atenção a referência que a autora faz à cartografia como método rizomático (Deleuze & Guattari, 1995). Assim como o rizoma não tem começo ou fim, e se desdobra de forma acêntrica, indefinida e não hierarquizada, a cartografia barberiana é formada por múltiplas linhas que se cruzam, conectando pontos e posições variadas. Nessa lógica, as mediações são os dispositivos que se entrecruzam em um constante movimento de mutação, renovação e atualização.

A cartografia barberiana tem, assim, natureza dialética: um mapa nunca substitui o anterior, mas dialoga com a proposta de novos mapas, apropriando-os e dando possibilidade de acréscimos e reinterpretações. Aproxima-se, por isso, do artesanato intelectual de Wright Mills (1969), uma vez que é tecida por **mapas cognitivos**, que esbarram na figura do pesquisador como artesão – construtor e reconstrutor de sua pesquisa a partir de seus trajetos percorridos. Essa aproximação pode ser percebida no cruzamento das experiências de vida do autor com uma rica reflexão teórica.

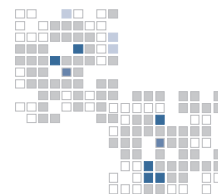
Antes mesmo de nomeá-la, Martín-Barbero lança mão da estratégia de pesquisa cartográfica desde suas primeiras reflexões sobre a pesquisa em comunicação na América Latina. Como observa Lopes (2018), os entrelaçamentos de diferentes níveis de análise – comunicacional, filosófico, histórico, cultural – e a variedade de objetos contemplados por sua teoria – telenovela, educação, jovens, cidade, mídia, políticas culturais etc. – evidenciam movimentos de

avanços e retomadas, revelando uma teoria viva, em constante diálogo com as transformações vividas pela América Latina em diferentes contextos.

Ao fundamentar sua cartografia em uma lógica fractal — isto é, uma representação do mundo que se expande de forma complexa e repetitiva —, Martín-Barbero aproxima-se da geometria fractal formulada por Benoit Mandelbrot (1982). Observando a riqueza dos fenômenos naturais, Mandelbrot identificou padrões visuais de autossimilaridade que se repetem em diferentes escalas, mesmo com formas irregulares, fragmentadas e descontínuas. De modo análogo, a Teoria dos Fractais, ao analisar texturas urbanas por meio de imagens da cidade, demonstrou que o tecido urbano, com toda a complexidade de curvas e superfícies, é, por natureza, fractal, já que os arranjos entre espaços livres e edificados reproduzem tais padrões (Batty & Longley, 1994).

Em sintonia a esse debate, a cartografia fractal proposta por Martín-Barbero sugere que a representação do mundo, ou dos espaços, deve ser entendida como uma rede de múltiplas dimensões e camadas, que se entrelaçam e se repetem em diversas escalas e perspectivas – não apenas no que toca ao espaço físico e material, como também no que se refere à expressão textual e de produção de significados:

Estamos ante uma lógica cartográfica que se torna fractal – nos mapas o mundo recupera a singularidade diversa dos objetos: cordilheiras, ilhas, selvas, oceanos – e se expressa textualmente, ou melhor, textilmente: em pregas e des-pregas, reverses, intertextos, intervalos. É isso que, para Sêrres, condensa a imagem de Penélope tecendo e destecendo o mapa das viagens do marido, mapa do mar sonhado e do real, entretecidos no canto de Homero (Martín-Barbero, 2004, p. 12).



Interessante notar que o tecer e o destecer Penélope, personagem da mitologia grega, funciona como uma metáfora para descrever o processo de construção e reconstrução do mapa das viagens de Ulisses, em constante ajuste. A imagem de Penélope tecendo e desmanchando seu trabalho enquanto espera o retorno do marido é uma analogia a esse mapa, que mescla o real – as viagens de Ulisses – e o sonhado – a visão idealizada do mar – emaranhando diversas camadas de significado. Martín-Barbero sugere com isso que mapas e representações geográficas não são somente representações objetivas do espaço, mas também interpretações atravessadas pelo tempo, pela cultura e pelas diversas experiências humanas, criando uma rede de significados complexos e dinâmicos.

A lógica fractal na cartografia barberiana propõe uma forma de compreender e representar o mundo em que o espaço não é linear, homogêneo ou hierárquico. Distante da representação geográfica tradicional, com limites fixos e definidos, o autor concebe mapas como construções dinâmicas, fragmentadas e interconectadas, que refletem múltiplas camadas de significados, interpretações e relações em distintos contextos socioculturais. Assim, os espaços não são meras representações objetivas do mundo, mas produtos de processos dinâmicos, profundamente vinculados às experiências humanas e aos sentidos atribuídos aos territórios. Tal abordagem dialoga diretamente com antropólogos como Gupta e Ferguson (2000) e Wagner (2010), cujos trabalhos questionam a suposta relação “natural” entre espaço e cultura.

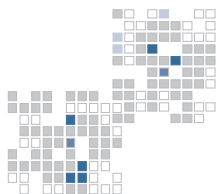
Como se sabe, a globalização fez repensar o conceito de cultura largamente utilizado pela antropologia cultural americana ao longo do século XX, que reforçava a ideia de que cada sociedade possuía sua própria cultura e que as diferenças humanas se davam em termos da diversidade de sociedades separadas. Se, por um lado, os meios de comunicação de massa

desafiaram as noções ortodoxas de cultura (Gupta & Ferguson, 2000), por outro, a consolidação de fluxos culturais transnacionais e movimentos populacionais em massa tornaram obsoletas as tentativas de mapear o globo como um conjunto de regiões ou berços culturais.

Uma vez derrubadas as fronteiras que por séculos delimitaram o “aqui” e o “lá”, o centro e a periferia, a colônia e a metrópole, a globalização pôs no centro do debate as relações entre a cultura e a comunicação. Além disso, ao desmontar as ilusões de comunidades primevas e puras, o espaço pulverizado da pós-modernidade impôs a necessidade de repensar as políticas de identidade, comunidade e diferença cultural (Gupta & Ferguson, 2000), haja vista ser hoje possível constituir formas de identidade e solidariedade não necessariamente ligadas à apropriação do espaço ou à proximidade pessoal.

Dessa forma, à medida que acelera os processos de desenraizamento, a globalização tende a inserir as identidades nas lógicas dos fluxos (Martín-Barbero, 2006). Isso torna inviável pensar identidades com base em raízes fixas, costumes e territórios de longa duração. Implica, também, considerar migrações e mobilidades, redes e fluxos, fluidez e instantaneidade. É nesse contexto que surge o interesse do autor em refletir sobre a relação contemporânea entre diversidade cultural – hoje atravessada por territórios e memórias, redes e diversidades – e o fenômeno da globalização:

Pensar a comunicação na América Latina é cada dia mais uma tarefa de envergadura antropológica. Pois o que aí está em jogo não são só deslocamentos do capital e inovações tecnológicas, mas profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias [...] Mudanças que nos confrontam com uma acelerada desterritorialização das demarcações culturais e com desconcertantes hibridizações nas identidades (Martín-Barbero, 2004, p.209).



Ao longo de suas obras, Martín-Barbero chama atenção para diferentes mapas e inúmeras cartografias possíveis. Se a cartografia em sua obra é um método, podemos entender os mapas das mediações como recursos teórico-metodológicos (Lopes, 2018) fecundos para o estudo de fenômenos comunicacionais. Desde a pesquisa seminal sobre a recepção de telenovelas de Lopes et al. (2002), os mapas das mediações se consolidaram como uma das principais estratégias metodológicas nas pesquisas empíricas de Comunicação (Jacks et al., 2017). No entanto, a incorporação desses mapas não é fixa, como uma receita de bolo, mas varia conforme a estratégia metodológica adotada na pesquisa, revelando diferentes lugares metodológicos.

Em Martín-Barbero, o conceito de mediações assume múltiplos significados, razão pela qual é tratado no plural. Inicialmente concebidas como uma perspectiva de investigação sobre e a partir da recepção, com o tempo reconheceu-se o caráter integral da teoria barberiana (Lopes, 2018), que abrange as dinâmicas de todos os processos comunicacionais – produção, circulação e recepção. Vale ressaltar que, ao longo dos anos, o autor refez seus mapas das mediações, aprimorando-os e adicionando novos eixos e mediações.

A transição de um mapa noturno inicial para os mapas das mediações socioculturais não apenas deu espessura social aos fenômenos comunicacionais, como permitiu explorar as reconfigurações entre sociedade, cultura e política. O caráter cumulativo desses mapas, que se sobrepõem e se completam com a transformação da sociedade, parte da ideia de que, assim como há mediadores socioculturais tradicionais, como igreja, escola, família e bairro, o surgimento de novos atores e movimentos sociais introduz novos sentidos do social e novos usos dos meios de comunicação.

Longe de sugerir um esquema metodológico

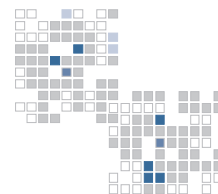
fixo, com regras fechadas, o caráter dialético da construção cartográfica barberiana permite variadas explorações de campos a serem mapeados. Assim, o pesquisador, na posição de cartógrafo, é convidado a tecer seu percurso metodológico à medida do caminhar de sua própria pesquisa. Por isso, no lugar de **regras metodológicas**, tem-se **pistas metodológicas** (Lopes, 2018) que orientam o trabalho de pesquisa, servindo ao cartógrafo de referências para a manutenção de uma atitude de abertura.

Esse chamado à abertura torna a cartografia um instrumento teórico potente, capaz de dar origem a novos lugares metodológicos. A cartografia barberiana, como método de pesquisa, pressupõe um trabalho não prescritivo, sem regras prontas ou objetivos pré-estabelecidos. Essa proposta não deve ser encarada como falta de método ou direção, mas uma reversão no sentido tradicional de método (Lopes, 2018), que no lugar de uma busca por metas pré-fixadas permite que as metas sejam traçadas pelo caminho.

Ora, Martín-Barbero (2004) parte de um entendimento de método que vai além de uma ferramenta cuja função é resolver um objetivo/problema, sendo também um **ponto de vista** sobre o objeto. Ao destacar a importância de uma instância metodológica capaz de captar conflitos e mudanças, bem como desenvolver a criatividade e a imaginação no decurso do trabalho científico, o filósofo abre espaço para uma ruptura teórica que também incide sobre objetos e métodos de pesquisa no campo da Comunicação.

3. O calafrio epistemológico: um olhar antropológico

Desde que os primeiros antropólogos deixaram seus gabinetes rumo a destinos longínquos, persiste nas discussões teórico-metodológicas da disciplina a relação que a Antropologia estabelece com seu Outro (Fabian, 2013). Historicamente marcada por uma atitude de **estranhamento**



e/ou **exterioridade**, essa relação provoca no pesquisador um olhar descentrado, uma saída inesperada (Magnani, 2009). Foi justamente uma experiência dessa ordem que levava Martín-Barbero ao exercício dos deslocamentos que marcam sua teoria.

Em *Ofício de Cartógrafo*, Martín-Barbero narra como o contato com a prática cultural dos habitantes de Cali, que se emocionavam com um melodrama mexicano, o levou a questionar seus próprios pressupostos – experiência que mais tarde reverberaria em *Dos meios às mediações*, sua obra mais conhecida. O choque de perceber que assistia um filme diferente daquele que o público via o fez confrontar a suposta unicidade da experiência e o etnocentrismo de seu olhar, levando-o a tentar compreender o que eles, os Outros, viam (Martín-Barbero, 2004). Do estranhamento inicial, tão pungente quanto o exotismo experimentado por Malinowski ao encontrar os habitantes das ilhas Trobriand, às rupturas que atravessam sua obra, está presente esse lugar teórico e metodológico do ver e sentir com os Outros, não mais excluídos de sua história ou formação cultural.

O **calafrio epistemológico** barberiano introduziu uma perspectiva inovadora nos estudos de Comunicação. Ao propor o exercício metodológico de deslocamento, capaz de mudar o lugar das questões relativas aos objetos comunicacionais, o autor tornou investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os enxergava como degradação da cultura. Com isso, impôs a necessidade de revisitar cânones teóricos e metodológicos já consolidados no campo da Comunicação. Como apropriadamente afirma:

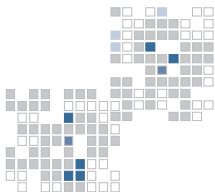
A crítica tinha de ser radical: mudar de perspectiva exige não só mudar de método, pois não pode poupar-se o questionamento da matriz epistemológico-teórica dessa “ciência”

[teoria funcionalista]. O metodológico não é autônomo, sua coerência lógica é parte do projeto teórico, de uma particular concepção do objeto a partir da qual certos problemas são formuláveis e abordáveis e outros não (Martín-Barbero, 2004, p. 50).

O que se extrai dessa proposta vai além do simples reconhecimento da não-passividade do receptor, pois exige deslocar o eixo da análise da dinâmica comunicacional de modo a dar conta dos espaços e processos – religiosos, políticos e artísticos, por meio dos quais as camadas populares negociam sentidos com os conteúdos midiáticos, seja pela resistência ou pela réplica. Esse movimento aproxima Martín-Barbero da etnografia, já que esta produz um tipo de conhecimento distinto daquele gerado por outros métodos.

Na Antropologia, a reflexão metodológica está geralmente vinculada à investigação do sujeito concreto da pesquisa (Lins, Parreiras & Freitas, 2020). Daí a necessidade de um trabalho pouco normativo quanto às escolhas metodológicas e, por isso, quase artesanal, já que o pesquisador constrói sua pesquisa passo a passo, conforme as demandas emergem – criando ferramentas no percurso, em diálogo com os interlocutores do campo. Isso exige tempo e dedicação paciente e contínua, que em algum momento organizará os fragmentos, conferindo-lhes um significado por vezes inesperado (Magnani, 2009). O insight na etnografia é resultado de uma presença prolongada em campo e de uma atenção viva aos acontecimentos, triviais ou não.

Além de um mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana dos Outros, o trabalho de campo exige equilíbrio entre teoria e prática na pesquisa etnográfica. Afinal, nesse tipo de investigação, não há prática sem fundamentação teórica, nem teoria sem trabalho de campo (Magnani, 2009) – momento em que a teoria é colocada à prova pela



comparação e chamada a responder a questões que ela mesma formula. Por isso, mais do que uma simples ferramenta de pesquisa ou um recurso aplicado, a etnografia é, antes de tudo, a própria **teoria vivida** (Peirano, 2014).

Em confluência com essa proposta, Martín-Barbero difere-se de uma proposta instrumentalista de método, comum no funcionalismo, com seus métodos positivistas, que reduzem as transformações culturais e efeitos isoláveis e mensuráveis (Martín-Barbero, 2004). Afasta-se também de abordagens abstratas, com formulações teóricas densas, que não refletem o vivido e o cotidiano. Sua ênfase na vida cotidiana e na teoria vivida o colocam em diálogo direto com a Antropologia.

A proximidade de Martín-Barbero com a Antropologia, reconhecida por ele e perceptível em sua obra, reverberou em modos de ver e sentir com os Outros, além da capacidade de estranhar o que é familiar e aproximar-se do que é estranho. Esse movimento de valorização das práticas dos dominados permitiu que espectadores, antes vistos como passivos, fossem reconhecidos como sujeitos da decodificação. Sua atenção à esfera da recepção trouxe à baila não apenas a diversidade de hábitos que marcam a relação da televisão com a organização do espaço e do tempo da vida cotidiana, mas também conferiu um novo status aos relatos pessoais e às vivências em grupo, vistos como **chave de acesso** às diferentes leituras dos textos televisivos e porta de entrada para o campo das brechas, conflitos e contradições.

Seja no plano teórico ou metodológico, olhar para tais práticas permite vislumbrar um horizonte mais amplo de práticas cotidianas, macro e microsociais, capaz de oferecer camadas de análises, objetivas e subjetivas, permeadas pelas distintas percepções de diversos autores. O trajeto metodológico é aquele que assiste em conjunto, oferecendo às pessoas a possibilidade de contar o que viram (Martín-Barbero, 2004). O autor alerta para o risco da mistificação do

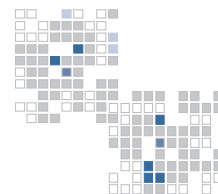
Outro – seja popular ou massivo, indígena ou rural. Daí a importância de abordagens como a etnográfica, que não excluem o Outro de sua história ou formação cultural e permitem explorar os distintos contextos e usos locais de nossas práticas latino-americanas – mestiças, heterogêneas, plurais.

Todas essas questões teóricas suscitadas por Martín-Barbero exigem um arcabouço metodológico capaz de responder, ao menos, três pontos: o acesso à leitura de diferentes grupos populares, a reflexão sobre novas e outras vozes que emergem nesses processos e a subversão das relações de poder. Ao evidenciar uma gramática que leva em conta a produção de sentidos variados, o que atualmente se coloca na prática de pesquisa é o desafio à **imaginação metodológica** frente a uma nova paisagem midiática, que borra as fronteiras entre emissores e receptores e abre uma agenda de pesquisa para os estudos de recepção (Santos, 2022).

Na última década, uma nova arquitetura digital marcada pelo avanço das tecnologias e pela presença constante das plataformas digitais na vida das pessoas levou antropólogos a investigar as reconfigurações das relações sociais e dos modos de viver e estar no mundo resultantes da crescente interconexão entre as esferas *online* e *offline*. No horizonte de fluxos abertos pela internet, os estudos antropológicos do digital têm se deparado com a plataforma da vida social e a emergência de campos multissituados (Gonçalves, 2020), que demandam do pesquisador o resgate da produção de sentidos heterogêneos e plurais dispersos na malha digital.

Como consequência, ganham fôlego pesquisas que atualizam a etnografia multissituada¹ de Marcus (2001) no contexto dos estudos de

1 A etnografia multissituada é uma abordagem de pesquisa etnográfica que estuda fenômenos culturais em múltiplos ambientes e contextos, não se restringindo a um único local de investigação (Marcus, 2001). Surgida em meados de 1990, ela se ancorava na compreensão articulada entre processos globais e contextos locais.



plataforma, como o estudo de recepção de Vieira Júnior (2020) sobre a transexualidade nas mídias digitais, a etnografia digital e multissituada de Cárdenas (2020) com jovens estudantes universitários durante a pandemia de Covid-19 e a pesquisa de Gonçalves (2020), que revisita práticas etnográficas frente ao cenário de plataformização da vida social, aproximando os campos da Antropologia e da Comunicação. Em suas diferentes propostas e objetos, tais estudos demonstram a capacidade analítica e integrativa da etnografia multissituada no ambiente digital.

Ora, à medida que as plataformas e suas lógicas de funcionamento passam a atravessar diferentes níveis e esferas da vida coletiva, mudanças ocorrem em diversos âmbitos de nossa vida e relações interpessoais. Isso porque, desenhadas para se inserir na vida cotidiana dos usuários, as plataformas digitais não apenas mediam interações, mas reconfiguram experiências, sentidos e práticas sociais, ao mesmo tempo, em que articulam sistemas algorítmicos de coleta, entrecruzamento e mercantilização de dados pessoais dos usuários (Gonçalves, 2020).

Para além de uma visão instrumentalista, o caráter social dessas transformações chama atenção para a proliferação de um campo muito maior de práticas culturais (Horst & Miller, 2012). Afinal, o “que de *novo* trazem as ‘últimas’ tecnologias de comunicação tem que ser estudado *em relação* ao movimento do social e não só ao da inovação tecnológica” (Martín-Barbero, 2004, p. 198, grifos e aspas originais). No largo desse horizonte de reconfigurações, o deslocamento dos meios às mediações segue não apenas segue atual, mas necessário. São novos tempos de ver com os Outros.

4. Televisão e o espaço doméstico: reconfigurações e convergências

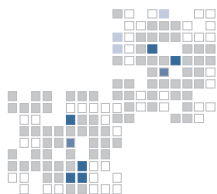
Em oposição às teorias estruturalistas-funcionalistas, o foco na experiência cotidiana

se expandiu por diversas frentes teórico-metodológicas (Mattelart & Mattelart, 2014). Na América Latina, especialmente no Brasil, a consolidação dos estudos de recepção e sua conexão com os estudos culturais do consumo reverberaram em deslocamentos metodológicos e conceituais, com ênfase no papel ativo das pessoas e na recuperação dos sujeitos em suas múltiplas relações com os meios. Nesse contexto, a recepção televisiva foi e continua sendo um dos meios mais estudados (Jacks et al., 2017), dada a importância da televisão nesses espaços.

Em seu primeiro mapa, Martín-Barbero toma a televisão como a grande referência, dado seu lugar de destaque e abrangência para a época. Certamente, a televisão à qual o autor se refere é a analógica – situada sob um modelo *broadcasting*. Ainda assim, ao refletir sobre o lugar ocupado pela televisão na casa – central ou marginal, na sala ou no quarto – o autor enfatiza as lógicas de uso a partir da experiência vivida. Assim, situa o consumo como o espaço das práticas cotidianas e das produções de sentidos, conferindo-lhes peso social e excluindo uma visão que reduz consumo à posse de objetos ou à mensagem dos meios.

Ao afastar a cotidianidade de um olhar despolitizado e irrelevante, Martín-Barbero (2009) propôs um duplo deslocamento: retirar o doméstico da esfera das tarefas da reprodução da força de trabalho e pensar o consumo além da interiorização dos valores das outras classes. Essa perspectiva o aproxima, mais uma vez, da Antropologia, cuja visão sobre o rito, ligado diretamente à vida doméstica, permite considerar a relação com a televisão como uma ação que transcende sua utilidade imediata, devendo ser pensada por via das práticas cotidianas.

O foco de Martín-Barbero no lar e no espaço doméstico não apenas se mantém atual, como dialoga com questões antropológicas recentes que, ao analisarem as novas tecnologias de mídia na vida cotidiana, indicam um retorno à



esfera doméstica (Horst, 2012). Nesse contexto, a formulação de Bourdieu (2007) sobre o *habitus* e a prática social na formação do gosto e da estética nos lares franceses constitui um trabalho seminal sobre como o gênero e outros marcadores sociais da diferença se inscrevem e reinscrevem no espaço doméstico.

No contexto latino-americano, Martín-Barbero (2009) aponta que os *habitus* de classe atravessam os usos da televisão e os modos de ver. Tais movimentos se expressam na organização do tempo e do espaço cotidiano, a partir dos diversos ambientes, privados ou públicos, onde se assiste à televisão – como salas de estar, bares de esquina ou clubes de bairro. Esse cenário se amplia com as novas tecnologias de comunicação, que evidenciam a crescente relevância das redes sociais digitais como novo *locus* investigativo. Um exemplo recente é o remake de *Vale Tudo* (Globo, 2025): com baixa audiência na TV aberta, mas ampla repercussão nas redes e alto acesso no streaming², a obra revela reconfigurações no consumo da telenovela, diante de uma audiência fragmentada entre telas e modos heterogêneos de assistência.

Atualmente, padrões resultantes da modernização, urbanização e globalização têm renovado nossa compreensão sobre a relação entre os espaços domésticos. Nesse contexto, cozinhas, quartos e outros ambientes foram transformados com a introdução de computadores, celulares e outras mídias. Isso não somente conectou esferas privadas às esferas públicas, evidenciando fronteiras difusas entre elas, como também impôs novos desafios aos estudos sobre as múltiplas apropriações das tecnologias.

A pesquisa de Horst (2012) no Vale do Silício exemplifica as potencialidades de uma etnografia digital nesses espaços, configurando também um ponto de diálogo relevante para os estudos

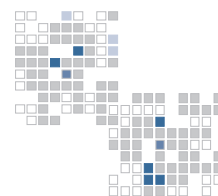
em Comunicação. Ao investigar três casos no centro da indústria de tecnologia, a antropóloga explora diferentes nuances do fenômeno a partir de famílias com perfis diversos. Esse esforço lhe permitiu abordar temas como novas ritualidades no consumo de mídia, reconfigurações nas relações entre emissores e receptores, e transformações na relação entre casa e trabalho, *hobbies* e lazer.

Voltando à realidade da América Latina, os trabalhos do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel) têm apontado para mudanças estruturais na produção, circulação e consumo de produtos televisivos, sendo o ato de assistir televisão e comentar nas redes uma prática já consolidada entre os brasileiros (Lopes et al., 2018). O engajamento *online* é de tal grandeza e complexidade que reverbera em **novas ritualidades** e formas de consumo múltiplas e inovadoras (Depexe et al., 2021). Proveniente do modelo de televisão distribuída pela internet, esse movimento reconfigura o conceito de televisão, ampliando formas de recepção e apontando para novos lugares de assistência de conteúdos televisivos para além da tela tradicional.

No caso da telenovela, principal produto televisivo brasileiro, esse cenário se intensifica com os fãs, que acompanham a evolução da televisão e se sobressaem nas redes sociais digitais. Essas comunidades sustentam uma forma de **convergência alternativa**, criando pontos de contato que prolongam o vínculo com seu programa favorito e fomentam a produção e avaliação coletiva do conhecimento. A riqueza dos debates em fóruns e outros espaços levou Jenkins (2008) a considerá-los **exercícios de epistemologia popular**.

O atual trânsito das audiências, em que receptores também assumem papéis de emissores, foi estudado por Pieniz (2015). Em uma pesquisa sobre o engajamento do público de telenovela no Twitter, a autora notou que o

² Cf. <https://shre.ink/xerH>.



compartilhamento de conteúdo ocorre de forma simultânea ao consumo das mídias tradicionais, sendo comuns comentários sobre produtos televisivos, radiofônicos, filmes ou jornais. Nessa rede *online*, os usuários também buscam informações com seus pares, compartilham *links* e, em certos casos, integram o grupo que faz circular as notícias da mídia massiva na *web*.

O surgimento dessa nova ritualidade, complexa e própria da contemporaneidade, é permeado por múltiplas tarefas do cotidiano do receptor tuiteiro. Pieniz (2015) observou que ao **transitar** por diferentes ambientes midiáticos – ora como receptor, ora como emissor – ele também intercala suas atividades domésticas, como o jantar, o banho e o cuidado com a família, às práticas de assistência e comentários *online* durante o consumo da telenovela. Essa dinâmica mostra como a sala de estar, outrora central na recepção televisiva latino-americana, passa a dividir espaço com outros cômodos e formas mais fluidas de assistência. Afastado da lógica unidirecional, o conteúdo televisivo reverbera em diferentes telas, abrindo múltiplas possibilidades na cultura digital.

Na pandemia, essa realidade ficou mais evidente com o aumento mundial do uso de redes sociais digitais, como Instagram, WhatsApp e Facebook, e a consolidação dos serviços *on demand* no país (Lopes et al., 2021). Em um estudo de recepção de *Laços de Família* no Twitter, Sifuentes et al. (2021) notaram o engajamento do público em tempo real, que usou a plataforma para discutir temas que “envelheceram mal” na narrativa, como o assédio do personagem Danilo (Alexandre Borges) à empregada Ritinha (Juliana Paes) e as relações de gênero presentes no comportamento machista e sexista do personagem Pedro (José Mayer).

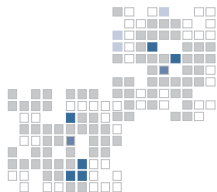
Cabe também ressaltar que a circulação e as diferentes apropriações das obras nas redes sociais digitais apontam não somente para as

novas formas de consumo televisivo, como para as especificidades de cada plataforma e seus tipos específicos de interação. O YouTube, por exemplo, é muito utilizado por fãs de ficção televisiva para a divulgação de resumos dos capítulos ou trechos de cenas marcantes – indicando formas de consumo mais **flexíveis** e pautadas no interesse dos consumidores. Esse fenômeno já foi apontado por Lopes et al. (2018), para quem a plataforma merece um olhar mais atento.

Descortinam-se, assim, novos modos da audiência se relacionar com a mídia e seus conteúdos, assim como novas possibilidades de assistência em locais anteriormente improváveis, como o transporte público ou o trabalho, afinal, a tela está em toda parte. No largo desse horizonte, os estudos televisivos mantêm sua relevância não apenas como meio muito consumido, mas também bastante estudado (Jacks et al., 2024).

Se, no âmbito das práticas, o cenário da convergência tem revelado mudanças substanciais nas formas de consumo e engajamento dos públicos com os diversos produtos midiáticos – incluindo extensões narrativas e criativas dos programas de televisão e a formação de comunidades de fãs –, no que toca à pesquisa observa-se o aprofundamento de desafios epistemológicos, teóricos e metodológicos para os estudos de recepção e consumo midiático (Jacks et al., 2024).

Seja no norte global ou na América Latina, as novas tecnologias têm reconfigurado práticas e imposto novos desafios à pesquisa. Por isso, pensar as ritualidades organizadas pelos meios é reconhecer os novos ritmos e práticas que moldam a vida cotidiana. Nesse cenário, a virada digital na Antropologia contribui para compreender o virtual como parte integrante da vida cotidiana, das relações sociais e das práticas culturais. Tal debate não requer o abandono do campo da Comunicação, mas sua desterritorialização, isto é, um movimento para além de seus limites



tradicionais, rumo às fronteiras, vizinhanças, e topografias que delineiam um novo mapa de problemas, à altura das continuidades e rupturas da modernidade (Martín-Barbero, 2004).

5. À guisa das considerações finais

O legado de Martín-Barbero ao campo da Comunicação é de tal grandeza que pode ser considerado uma Teoria da Comunicação própria, sustentada por uma epistemologia, metodologia e conceitos específicos (Lopes, 2018). Neste artigo, propomos uma reflexão sobre o método cartográfico barberiano, capaz de revelar distintos legados e articulações teóricas. Nesse percurso, dedicamos atenção especial ao diálogo com a Antropologia, campo com o qual o autor compartilha a ênfase na experiência de ver e sentir com os Outros.

Fruto das experiências híbridas do autor com campos como a semiologia, a filosofia, a antropologia e os estudos culturais, a construção cartográfica por ele proposta não apenas ofereceu uma abordagem reflexiva que ultrapassa as inércias acadêmicas e a compartimentação das áreas, como também se firma como um instrumento teórico-metodológico potente para o estudo de diferentes fenômenos comunicacionais.

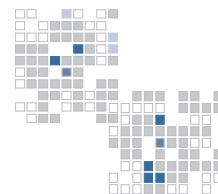
No início dos anos 1990, Martín-Barbero passou a refletir sobre a necessidade de superação das fronteiras disciplinares e dos cânones estabelecidos. Diante dos modelos de comunicação hegemônicos da época, marcados pela dependência teórica e pela apropriação de paradigmas externos, o autor defendeu uma prática de pesquisa ancorada na **imaginação categorial**, capaz abrir novos territórios ao pensamento. Sua proposta segue atual no cenário de integração das tecnologias digitais à vida cotidiana. Afinal, a televisão, que outrora organizava o convívio familiar em torno das notícias e da programação, abre espaço para novas mídias e formas de assistência mais individualizadas.

Ao situar as ritualidades junto às práticas contemporâneas, a cartografia barberiana se abre ao estudo das novas formas de consumo e fenômenos rituais da audiência. No âmbito da recepção televisiva, o diálogo com a Antropologia segue como um caminho fecundo para o garimpo de novos ambientes e perspectivas teórico-metodológicas, como a etnografia multissituada (Gonçalves, 2020), capaz de mapear engrenagens invisíveis que sustentam as práticas sociais nos diversos ambientes digitais.

A vinculação dos meios de comunicação à internet recolocou no centro dos debates a relevância dos estudos de recepção para a compreensão dos fenômenos comunicacionais contemporâneos, configurando uma oportunidade histórica para que tais estudos – ainda marginais no campo da Comunicação – atinjam uma relevância renovada (Jacks, 2015). O panorama aberto pelos novos meios não apenas amplia o alcance e a pertinência da tese da “audiência ativa”, como evidencia a urgência da revisão de teorias e conceitos à luz do panorama atual, impondo uma agenda de desafios teóricos e metodológicos. É, portanto, nesse cenário plataformizado e multilocalizado, que relaciona vários contextos e escalas de pesquisa, que novas agendas de pesquisa despontam.

O esforço de ultrapassar o antigo modo de cartografar resultou em novas formas de fazer mapas, que incluem o estudo dos interstícios, o alcance de novos lugares e, sobretudo, a capacidade de desatar epistemologicamente as fronteiras que nos limitam (Martín-Barbero, 2004). Tomar nossas pesquisas como mapas é, neste sentido, uma abertura para assumirmos as margens, questionarmos os esquemas fixos e reconhecermos quão múltiplas são as zonas da realidade cotidiana que podem ser exploradas. Afinal, o mapa é aberto, reversível, desmontável e propenso a modificações constantes.

Se o reconhecimento de novos trajetos, o



incentivo à abertura de brechas e o estímulo à criatividade no âmbito do trabalho científico são marcas do legado teórico de Martín-Barbero, também as aventuras reveladas por sua cartografia mestiça são um convite ao desenho de mapas abertos, tecidos por diferentes leituras e trajetórias teóricas. Afinal, a ousadia em fazer da Comunicação o lugar de onde se vê abriu diferentes entradas para **explorações metodológicas mestiças**, que permitem situar a comunicação como parte da nossa própria vida cultural e social.

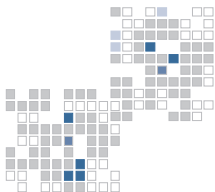
Por todo o exposto, a proposta cartográfica de Martín-Barbero não apenas permanece atual, como aponta para convergências teórico-metodológicas com os estudos antropológicos do digital. O foco do autor no resgate da vida cotidiana e nas múltiplas negociações de sentidos se estendem hoje às práticas a serem mapeadas

nos ambientes digitais, revelando a necessidade ainda atual do pesquisador buscar ver com os Outros (Santos, 2022).

É nesse horizonte de bifurcações que o diálogo interdisciplinar e a transdisciplinaridade têm fortalecido o campo da Comunicação, sempre aberto a novos diagnósticos e a reestruturações. Se o fim do século XX inaugurou um mapa de sintomas e desafios para as ciências humanas e sociais (Martín-Barbero, 2004), o cenário atual demanda teorias e métodos comprometidos com a realidade contemporânea. Uma nova agenda teórica e metodológica se abre, destacando as relações entre os sujeitos e a internet. Que no vasto panorama desvelado por Martín-Barbero e sua cartografia aberta e não prescritiva, possamos construir novas rotas e vislumbrar outros trajetos e mundos possíveis.

Referências

- Batty, M. & Longley, P. (1994). *Fractal cities: A geometry of form and function*. London: Academic Press.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp.
- Cárdenas, J. (2020). Etnografia digital multisituada: jóvenes universitarios y universitarias estudiando desde casa em tiempos de covid-19. *Cadernos de Campo*, 29(2), pp.1-19. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175177>.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2000). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). São Paulo: Editora 34.
- Depexe, S.; Ronsini, V., Marques, C., Coutinho, L. & Corrêa, L. (2021). Ritualidades de assistência de ficção televisiva em tempos de pandemia. Em Lopes, M. & Silva, L. (Orgs). *Criação e inovação na ficção televisiva brasileira em tempos de pandemia de Covid-19* (pp. 208-230). Aluminio: Clea Editorial.
- Fabian, J. (2013). *O tempo e o outro: Como a Antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes.
- Gonçalves, I. (2020). Da etnografia multissituada à “plataformizada: aproximações entre antropologia e estudos de plataforma. *Cadernos de Campo*, 29(2), pp.1-19. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175274>.
- Gupta, A. & Ferguson, J. (2000). Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. Em Arantes, A. (Org.), *O espaço da diferença* (pp. 30-49). Campinas: Papirus.
- Horst, H. & Miller, D. (Orgs). (2012). *Digital anthropology*. London/ New York: Berg.
- Horst, H. (2012). New media technologies in everyday life. Em Horst, H. & Miller, D. (Orgs.), *Digital anthropology* (pp. 61-79). London/ New York: Berg.
- Jacks, N., Libardi, G. & Sifuentes, L. (Orgs). (2024). *Meios e audiências IV: Continuidades e novos desafios frente à convergência midiática*. São Paulo: Pimenta Cultural.
- Jacks, N., Piedras, E., Pieniz, M. & Jonh, V. (Orgs.). (2017). *Meios e audiências III: Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil*. Porto Alegre: Sulina.
- Jacks, N. (2015). Da agulha ao chip: Brevíssima revisão dos estudos de recepção. *Intexto*, (34), 236-254. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.236-254>.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Lins, B., Parreiras, C. & Freitas, E. (2020). Estratégias para pensar o digital. *Cadernos de Campo*, 29(2), 1-10. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181821>.



- Lopes, M., Santos, A., Costa, A., Pinho, J., Vianna, J., Fernandes, L., Abrão, M., Lima, M., Pereira, T. & Rodrigues, G. (2021). Brasil: Pandemia e Resistência. Em Lopes, M. (Org). *Ficção televisiva ibero-americana em tempos de pandemia* (pp. 101-135). Santiago: Universidad Católica de Chile.
- Lopes, M., Greco, C., Castilho, F.; Lemos, L.; Néia, L., Lima, M., Pereira, T., Santos, A. & Ortega, D. (2018). Brasil: Dinâmicas da ficção televisiva na transição multicanal. Em Lopes, M. & Gómez, G. (Orgs). *Ficção televisiva Ibero-Americana em Plataformas de Video on Demand* (pp. 103-128). Porto Alegre: Sulina.
- Lopes, M. (2018). A teoria barberiana da Comunicação. *Matrizes*, 12(1), 39-63. <http://orcid.org/0000-0003-3477-1068>.
- Lopes, M., Borelli, S. & Resende, V. (2002). *Vivendo com a telenovela: Mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.
- Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32). <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>.
- Mandelbrot, B. (1982). *The fractal geometry of nature*. New York: Freeman.
- Marcus, G. (2001). Etnografia en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. *Alteridades*, 11(22), pp.110-127.
- Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola.
- Martín-Barbero, J. (2006). Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. Em Morales, D. (Org.), *Sociedade midiaticizada* (pp. 51-79). Rio de Janeiro: Mauad.
- Martín-Barbero, J. (2009). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- Mattelart, A. & Mattelart, M. (2014). *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola.
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20(42). <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>.
- Pieniz, M. (2015). Mediação estrutural da tecnicidade: o trânsito das audiências a partir do Twitter. *MATRIZES*, 9(1), pp. 213-228. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p213-228>.
- Santos, A. (2022). *Sobre mapas e artesanatos: Estudos de recepção, etnografia digital e ficção televisiva na era transmídia*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sifuentes, L., Wottrich, L., Jacks, N., Pedroso, D., Alves, D., Oikawa, E., Sgorla, F., Libardi, G., Caroline, J., Feitosa, S. & Scalei, V. (2021). Laços de Família 20 anos depois: apropriações da audiência em tempos de pandemia. Em Lopes, M. & Silva, L. (Orgs). *Criação e inovação na ficção televisiva brasileira em tempos de pandemia de Covid-19* (pp. 189-207). Aluminio: Clea Editorial.
- Vieira Júnior, L. (2020). A imersão oculta em plataformas online: uma experiência antropológica a partir dos estudos de recepção. *Cadernos de Campo*, 29(2), 1-20. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175275>.
- Wagner, R. (2010). *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.
- Wright Mills, C. (1969). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

Artigo enviado em 17/07/2025 e aceito em 02/12/2025.

